

# Inclusão e Educação 2

Danielle H. A. Machado  
Janaína Cazini  
(Organizadoras)



 **Atena**  
Editora

Ano 2019

**Danielle H. A. Machado**  
**Janaína Cazini**  
(Organizadoras)

# **Inclusão e Educação**

## **2**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I37 Inclusão e educação 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaína Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Inclusão e Educação; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-030-8

DOI 10.22533/at.ed.308191501

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.  
3. Educação inclusiva. 4. Língua Brasileira de Sinais. 5. Braille  
(Sistema de escrita). I. Machado, Danielle H. A. II. Cazini, Janaína.  
III. Série.

CDD 379.81

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “Educação e Inclusão: Desafios e oportunidades em todos as séries educacionais” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu II volume, com 19 capítulos, apresentam estudos sobre Pessoas Cegas, Sistema Braille, Pessoas Surdas, Sistema de LIBRAS e as novas tecnologias aplicadas na educação para estimular e auxiliar o processo de ensino e aprendizagem desse público.

A Educação Inclusiva é colocada a luz da reflexão social desde 1988 com a Constituição Federal Brasileira onde garante que a educação é um direito de todos e é dever do Estado oferecer Atendimento Educacional Especializado, preferencialmente na Rede regular de ensino. Porém, somente em 2001 com a Resolução n2 e o Parecer n9 que se evidencia como esse processo de inclusão educacional de pessoas com deficiência deve ser feito, fomentando uma comoção em todos as esferas educacionais como o currículo escolar, formação de docentes e didática de ensino.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume II é dedicado ao público de cidadãos Brasileiros que possuem deficiência visual (cego) e deficiência auditiva (surdo) trazendo artigos que abordam: experiências do ensino e aprendizagem, no âmbito escolar, desde as séries iniciais até a o ensino universitário que obtiveram sucessos apesar dos desafios encontrados; a mediação pedagógica como força motriz de transformação educacional e a utilização de tecnologias assistivas para auxiliar o aprendizado do discente cego ou surdo.

Por fim, esperamos que este livro possa fortalecer o movimento de inclusão social, colaborando e instigando professores, pedagogos e pesquisadores a pratica da educação inclusiva ao desenvolvimento de instrumentos metodológicos, tecnológicos, educacionais que corroboram com a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado  
Janaína Cazini

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONCEPÇÃO DOS CEGOS SOBRE O ENSINO DO SISTEMA BRAILLE NO CONTEXTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS	
<i>Eliane Maria Dias</i>	
<i>Francileide Batista de Almeida Vieira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3081915011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
BAIXA VISÃO E A INTERDISCIPLINARIDADE NA “AMPLIAÇÃO” DOS SABERES	
<i>Eurides Bom im de Melo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3081915012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA PRÁTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS DIANTE DE ALUNOS CEGOS NA UNIVERSIDADE	
<i>Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins</i>	
<i>Luzia Guacira dos Santos Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3081915013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
O ENSINO DE BIOLOGIA PARA DEFICIENTES VISUAIS DO INSTITUTO DOS CEGOS DE CAMPINA GRANDE: EXPLICANDO EMBRIOLOGIA HUMANA COM A VOZ, ARGILA E AS MÃOS	
<i>Álisson Emmanuel Franco Alves</i>	
<i>Jessica Maria Florencio de Oliveira</i>	
<i>Mayla Aracelli Araujo Dantas</i>	
<i>Elizabeth de Lourdes Bronzeado Krkoska</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3081915014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
EMPRESTA SUA VOZ? RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA INCLUSIVA NA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-URCA	
<i>Martha Milene Fontenelle Carvalho</i>	
<i>George Pimentel Fernandes</i>	
<i>Maria José Chaves</i>	
<i>Ana Patrícia Silveira</i>	
<i>Luiza Valdevino Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3081915015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
O OLHAR DO OUTRO SOBRE A DIFERENÇA SURDA: REPRESENTAÇÃO SOBRE OS SURDOS E A SURDEZ	
<i>Francisco Uélison da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3081915016</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
ESCOLA BILÍNGUE PARA SURDOS	
<i>Francyllayans Karla da Silva Fernandes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3081915017</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 72**

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE ESTUDANTES SURDOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Wilma Pastor de Andrade Sousa*

*Antonio Carlos Cardoso*

*Keyla Maria Santana da Silva*

*Lindilene Maria de Oliveira*

**DOI 10.22533/at.ed.3081915018**

**CAPÍTULO 9 ..... 80**

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO SOBRE A AVALIAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NA ESCOLA REGULAR

*Vanessa Nicolau Freitas dos Santos*

*Andreza Cristina Santos de Araújo*

**DOI 10.22533/at.ed.3081915019**

**CAPÍTULO 10 ..... 90**

A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA: AVANÇOS E DESAFIOS

*Giovana Parente Negrão*

*Allan Rocha Damasceno*

**DOI 10.22533/at.ed.30819150110**

**CAPÍTULO 11 ..... 104**

O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO SISTEMA EDUCACIONAL DE TERESINA – PIAUÍ

*Ana Cristina de Assunção Xavier Ferreira*

*Camélia Sheila Soares Borges Araújo*

**DOI 10.22533/at.ed.30819150111**

**CAPÍTULO 12 ..... 119**

O ENSINO HÍBRIDO COMO ALTERNATIVA PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SURDOS

*Rejane do Nascimento da Silva*

**DOI 10.22533/at.ed.30819150112**

**CAPÍTULO 13 ..... 125**

A CONTAÇÃO, OS OUVINTES E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: INTERFACES DE UM ENSAIO INCLUSIVO

*Martha Milene Fontenelle Carvalho*

*Francileide Batista de Almeida Vieira*

**DOI 10.22533/at.ed.30819150113**

**CAPÍTULO 14 ..... 134**

FERRAMENTAS DE INCLUSÃO PARA O ENSINO DE QUÍMICA: DESENVOLVIMENTO DE DIAGRAMAS DE DISTRIBUIÇÃO ELETRÔNICA PARA ALUNOS CEGOS E SURDOS

*Laís Perpetuo Perovano*

*Amanda Bobbio Pontara*

*Ana Nery Furlan Mendes*

**DOI 10.22533/at.ed.30819150114**

**CAPÍTULO 15 ..... 145**

A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR: O QUE DIZEM OS PROFESSORES

*Ana Claudia Tenor*

**DOI 10.22533/at.ed.30819150115**

**CAPÍTULO 16 ..... 157**

TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

*Márcia Verônica Costa Miranda*

*Ruan dos Santos Silva*

**DOI 10.22533/at.ed.30819150116**

**CAPÍTULO 17 ..... 169**

TECNOLOGIA ASSISTIVA E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO SUPERIOR INCLUSIVA

*Josenilde Oliveira Pereira*

*Thelma Helena Costa Chahini*

**DOI 10.22533/at.ed.30819150117**

**CAPÍTULO 18 ..... 180**

LÍNGUA DE SINAIS E IMPLANTE COCLEAR: O PONTO DE VISTA DE PESQUISADORES

*Ana Cláudia Tenor*

**DOI 10.22533/at.ed.30819150118**

**CAPÍTULO 19 ..... 188**

EDUCAÇÃO SOMÁTICA COMO PERSPECTIVA INCLUSIVA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

*Fábio Soares da Costa*

*Janete de Páscoa Rodrigues*

*Ana Carolina Brandão Verissimo*

*Andreia Mendes dos Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.30819150119**

**SOBRE AS ORGANIZADORAS ..... 203**

## LÍNGUA DE SINAIS E IMPLANTE COCLEAR: O PONTO DE VISTA DE PESQUISADORES

### Ana Claudia Tenor

Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP campus de Marília. Mestre em Fonoaudiologia: Clínica Fonoaudiológica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduada em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP campus de Marília. [anatenor@yahoo.com.br](mailto:anatenor@yahoo.com.br)

**RESUMO :** A educação de surdos e a concepção de surdez é um tema que vem sendo debatido ao longo dos anos. O objetivo deste estudo foi analisar o que os pesquisadores apontam a respeito do ensino de língua de sinais para o aluno surdo com implante coclear. A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica e os descritores utilizados foram: língua de sinais e implante coclear; surdez e família. Os estudos consideram que o ensino de língua de sinais não interfere de forma negativa no desenvolvimento auditivo e de linguagem de crianças surdas que fazem uso de implante coclear. Um problema evidenciado é a aquisição tardia de linguagem em crianças surdas filhas de pais ouvintes e o impacto da privação linguística para o desenvolvimento dessas crianças. Sendo assim, as famílias e professores deveriam ser orientados a respeito da importância de se ofertar uma educação

bilíngue a essas crianças, de forma a garantir o uso competente de uma língua, possibilitando assim o desenvolvimento de linguagem e a aprendizagem.

**PALAVRAS- CHAVE:** Língua de Sinais; Aluno Surdo; Implante Coclear.

**ABSTRACT:** The education of deaf people and the concept of deafness is a topic that has been debated over the years. The objective of this study was to analyze what the researchers point out regarding teaching sign language to the deaf student with cochlear implant. Data collection was performed through bibliographic research and the following used descriptors: sign language and cochlear implant; deafness and family. The studies consider that teaching sign language does not interfere negatively with the auditory and language development of deaf children who use cochlear implants. An obvious problem is the late acquisition of language by deaf children from hearing parents and the impact of language deprivation on their development. Therefore, families and teachers should be guided by the importance of offering them bilingual education, in order to guarantee the competent use of a language, thus enabling language development and learning.

**KEYWORDS:** Sign Language; Deaf Student; Cochlear implant.

## 1 | INTRODUÇÃO

A educação de surdos e a concepção de surdez é um tema que vem sendo debatido ao longo dos anos entre os pesquisadores. Skliar (1997) apontou duas visões existentes, a clínico-terapêutica e a socioantropológica. A primeira considera a surdez como uma doença que necessita ser tratada e curada, a segunda advoga que a surdez deve ser vista como uma diferença a ser respeitada. Nesta concepção, o surdo é visto como pertencente a uma comunidade minoritária, que compartilha a mesma língua, a língua de sinais, além de valores culturais, hábitos e modos de socialização próprios.

Ao discorrer sobre os profissionais que advogam a visão clínico- terapêutica, Claudio, Guarinello e Schelp (2016) destacaram que os mesmos não aceitam a língua de sinais, percebendo-a como um empecilho para o desenvolvimento da fala oralizada. Segundo esta perspectiva, os sujeitos surdos são posicionados em desvantagem em relação aos ouvintes, observando-se uma busca pela normalização, por meio do uso do Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI) ou o Implante Coclear, para que assim o surdo possa ouvir e integrar-se a sociedade ouvinte.

Diante das divergências entre as concepções adotadas por profissionais da área da surdez e as orientações que são oferecidas para as famílias, percebe-se que isso pode gerar incertezas quanto aos métodos de ensino a ser ofertado para crianças surdas. Com o advento da tecnologia assistiva, como o implante coclear, intensificaram-se as dúvidas e discussões.

Os avanços da tecnologia em relação à percepção do som para pessoas surdas têm sido objeto de muita polêmica. Os implantes cocleares são dispositivos eletrônicos biomédicos de alta tecnologia, desenvolvidos para realizar a função das células ciliadas da cóclea que estão danificadas ou ausentes, e proporcionar a estimulação elétrica das fibras do nervo auditivo remanescentes. É importante ressaltar que tal procedimento, apesar de prover a sensação da audição à criança surda com a qualidade necessária para a percepção dos sons da fala, não deve ser visto como um processo de cura da surdez (COSTA; BEVILACQUA; AMANTINI, 2005; KELMAN, 2010; COSTA; KELMAN; GOÉS, 2015).

Cabe acrescentar que o implante coclear não funciona de maneira igualmente eficaz para todos. Com a ajuda desse dispositivo eletrônico, algumas crianças podem interpretar sons suficientemente para lidar com a comunicação na língua falada. Contudo para outras, ele não funciona tão bem, pois depende de diversos fatores, tais como: a capacidade de memória auditiva, adequada estimulação no ambiente familiar, intervenção fonoaudiológica precoce, entre outros (BEVILACQUA; FORMIGONI, 2005; MORET et al. 2006; RESEGUI- COPPI, 2008; YAMANAKA et al. 2010; SVARTHOLM; MOURA, 2011).

Os estudos apontaram que a maioria dos surdos nasce em famílias ouvintes, que por desconhecerem a surdez e as suas consequências para o desenvolvimento da linguagem, tendem a se posicionar contra o ensino de Libras e a optar pelo ensino

da língua oral (GOLDFELD, 2001; MOURA; LODI; HARRISON, 2005; NEGRELLI; MARCON, 2006).

Tenor e Deliberato (2016) conduziram entrevistas com pais de crianças surdas e observaram que em virtude da falta de informações e esclarecimentos a respeito das especificidades linguísticas dos filhos surdos, os pais demonstraram desconhecimento a respeito da língua de sinais e se posicionaram contra o ensino de Libras ao filho surdo. As autoras constataram ainda que os pais traziam a expectativa de que apenas com o uso da tecnologia assistiva, no caso o implante coclear, seria possível o desenvolvimento da fala do filho surdo, atribuindo então à comunicação oral o aspecto mais importante para o desenvolvimento; no entanto, pouco se envolviam com as questões escolares, o que poderia ajudar a criança na apropriação do conhecimento.

A literatura evidenciou que um grupo de pesquisadores têm analisado os benefícios do implante coclear quanto ao desenvolvimento linguístico e acadêmico da criança surda implantada e advogam o ensino da língua de sinais, além da reabilitação auditiva e oral (KELMAN, 2015; NASCIMENTO; LIMA, 2015).

Nessa perspectiva, Valadao et al. (2012) consideraram a importância de se garantir a criança surda o uso competente de uma língua que possibilite o estabelecimento de uma identidade e de uma comunicação efetiva com o outro, evitando privações no desenvolvimento da linguagem e da aprendizagem e conseqüentemente déficits psicológicos, sociais, emocionais e educacionais.

Ao discutir sobre a educação de surdos, Tartucci (2015) acredita que a língua de sinais deve ser assumida como língua dos surdos e a primeira a ser adquirida. A autora considera que a partir dela pode se dar a aquisição da língua majoritária, como segunda língua. Dessa forma, o surdo, ao se tornar bilíngüe, adquirindo precocemente a língua de sinais, como as crianças ouvintes aprendem a falar, poderá ter seu desenvolvimento cognitivo e linguístico compatível com sua real capacidade.

Como se percebe a discussão sobre o tema implante coclear e o ensino de língua de sinais precisa ser aprofundada entre os pais e os profissionais da área da surdez.

O objetivo deste estudo é analisar o que as pesquisas apontam a respeito do ensino de língua de sinais para o aluno surdo com implante coclear.

## **2 | ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Este estudo é um recorte do trabalho de conclusão do curso de especialização em Libras e Educação para surdos, intitulado “O aluno surdo com implante coclear: aspectos linguísticos e educacionais” elaborado por Tenor (2017).

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e algumas perguntas orientaram a revisão: o que a literatura apresenta a respeito do ensino de língua de sinais para criança surda usuária de implante coclear? Qual a opinião das famílias ouvintes a respeito do ensino de língua de sinais para os filhos surdos? Foram objetos de análise a produção

bibliográfica de documentos legais, artigos científicos disponíveis em bancos de dados eletrônicos, livros, e teses publicadas no período de 1997 a 2017. A opção pelos últimos 20 anos ocorreu porque representa um período amplo e atual para a análise da produção científica acerca da temática pesquisada.

As fontes de dados para as buscas foram constituídas pelas bases Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino Americana e Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e google acadêmico. As buscas foram realizadas on-line, no mês de janeiro de 2017 e os descritores utilizados foram: língua de sinais e implante coclear, surdez e família.

O levantamento incorporou ao estudo artigos que abordavam em seu resumo, temas ligados à educação de criança surda, implante coclear e o posicionamento das famílias frente ao ensino de Libras.

A seleção de livros, documentos legais e teses foi feita a partir de referências bibliográficas que já haviam sido previamente utilizadas pela autora ou encontradas nos artigos acima citados.

Foram encontrados 27 trabalhos, sendo 15 artigos científicos, 7 capítulos de livros, um livro, duas teses e dois documentos legais.

A análise do material selecionado permitiu obter informações quanto aos resultados dos estudos e as considerações dos autores.

### **3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A educação de surdos é um tema polêmico desde os seus primórdios. As comunidades surdas, aliadas a pesquisadores atentos às necessidades de aquisição e desenvolvimento de linguagem dessas pessoas debatem a importância de se ofertar uma educação bilíngue para surdos desde a educação infantil.

Streichen et al. (2017) evidenciaram que as propostas de educação inclusiva do MEC divergem muito em relação às propostas e aos desejos da comunidade surda. Os autores apontaram que escola bilíngue, atualmente, tem sido o principal motivo dos movimentos e das lutas do povo surdo. Essa escola constitui-se no espaço onde a cultura linguística do surdo será respeitada e a base das estratégias metodológicas será a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua.

Tartuci (2015) acrescentou que o bilinguismo tem como meta educacional viabilizar a presença de duas línguas no contexto escolar do aluno surdo. Nesta perspectiva ao valorizar e tornar acessível o uso da língua materna, essa vivência possibilitará ao sujeito surdo a construção de uma auto-imagem positiva, e ao mesmo tempo, que se desenvolva cognitivamente e linguisticamente, o que trará repercussões importantes em sua formação como pessoa.

Apesar das discussões em torno das necessidades educacionais de alunos surdos e dos documentos oficiais- Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002) e Decreto

nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005) que norteiam o atendimento escolar do aluno surdo com atenção à educação bilíngue, os trabalhos desenvolvidos com crianças surdas usuárias de implante coclear, evidenciaram que a maioria tem como foco os processos de aquisição da língua oral. Um grupo de pesquisadores constatou que mesmo expondo essas crianças à língua oral e a acompanhamento terapêutico, por longo período, muitas não alcançam o desenvolvimento linguístico na língua oral de forma satisfatória (FORTUNATO et al. 2009; STUCHI et al., 2007).

Bellotti (2014) acrescentou que a falta de suporte linguístico, seja oral ou por sinais, acarreta dificuldades para a aquisição da escrita. Neste sentido, apenas o implante coclear e a exposição à linguagem oral não garantem a aquisição da escrita, pois a linguagem oral não depende apenas da audição, mas também das interações sociais estabelecidas com seus pares.

No que diz respeito à educação de crianças surdas, o bilinguismo possibilita a formação de seus primeiros conceitos bem como codificar o que lê na língua majoritária por intermédio da língua de sinais (KELMAN, 2015). Sendo assim as crianças com implante coclear não devem ser consideradas como ouvintes e precisam da língua de sinais para todas as situações da vida em que, apesar do implante coclear, a sua audição pode não bastar (SVARTHOLM; MOURA, 2011).

Atualmente, a maioria das crianças surdas com implante coclear não tem a oportunidade de adquirir a língua de sinais desde o nascimento ou ainda na infância. Além disso, permanecem por um período sem acesso à língua oral, pois o “real acesso” aos sons inicia somente após meses ou anos após o nascimento, quando a cirurgia de implante é realizada e o mesmo é ativado (QUADROS et al. 2016).

Apesar da privação linguística que algumas crianças surdas com implante coclear podem sofrer, os estudos evidenciaram objeções ao ensino da língua de sinais, o qual é considerado como sendo negativo para essa população, alegando-se que a língua de sinais não seria ideal para o desenvolvimento auditivo e linguístico dessas crianças. No entanto, as crianças usuárias desse dispositivo, e inseridas em um ambiente bilíngue podem se beneficiar, além de a inserção da língua de sinais não interferir de forma negativa no desenvolvimento auditivo e linguístico (KELMAN et al. 2011; KELMAN, 2015; SVARTHOLM, 2014).

Diante das discussões a respeito da privação linguística e o seu impacto para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno surdo, os pesquisadores consideraram a necessidade de expor a criança surda usuária de implante coclear à língua de sinais, além da reabilitação auditiva e oral (KELMAN, 2015; NASCIMENTO; LIMA, 2015).

Percebe-se então que as crianças surdas com implante coclear não devem ser consideradas como ouvintes, pois apesar de passarem a ouvir continuam se favorecendo do canal visual. Quadros et al. (2016) investigaram o desenvolvimento bilíngue bimodal de crianças surdas com implante coclear, expostas a duas línguas de modalidades diferentes, a Libras e o português. As autoras evidenciaram que crianças surdas com implante coclear, filhas de pais ouvintes, mesmo com acesso restrito à

Libras e tendo mais acesso à língua oral, apresentaram melhor desempenho nos testes em Libras. Os resultados do estudo evidenciaram que a experiência linguística visual para essas crianças permanece ativa e é um caminho “natural” para a aquisição de linguagem de forma rápida e efetiva.

Dessa forma, cabe aos profissionais que atuam na área da surdez serem mediadores neste processo, visando ao que é melhor para cada indivíduo, estando atentos ao seu desenvolvimento, as suas necessidades e potencialidades e tendo sensibilidade e flexibilidade para saber o que deve ser priorizado em cada momento (VALADAO, et al. 2012).

A partir das pesquisas analisadas foi possível perceber que apesar do uso da tecnologia assistiva, como o implante coclear, algumas crianças surdas não desenvolvem a língua oral de forma satisfatória. Dessa forma o ensino da língua de sinais poderia beneficiar essas crianças no processo de inclusão e escolarização.

#### 4 | CONCLUSÕES

A educação de surdos traz desafios com resultados nem sempre satisfatórios, do ponto de vista acadêmico. Um dos problemas evidenciados é que a maioria das crianças surdas têm pais ouvintes e, portanto o acesso à língua de sinais ocorre tardiamente e como consequência, passam por um período de privação linguística, o que acarreta dificuldades nas relações dialógicas, interacionais e no processo de desenvolvimento.

Tratando-se de alunos surdos com implante coclear a situação torna-se ainda mais complexa, pois essa tecnologia não garante o desenvolvimento da língua oral e os estudos apontam que os pais tendem a se posicionar contra o ensino de Libras ao filho surdo implantado, por acreditarem que pode interferir de forma negativa no desenvolvimento auditivo e de linguagem.

A ideia de que o implante coclear e o ensino de Libras são incompatíveis vem perdendo força e os estudos aqui analisados apontaram que o uso do implante coclear associado ao ensino de língua de sinais pode ser benéfico à criança surda, uma vez que a mesma pode aprender a LS como primeira língua e a língua oficial do seu país como segunda língua.

Os pais adotam suas concepções de surdez conforme as informações e atitudes dos profissionais da área, que influenciam a tomada de decisões da família e o futuro da criança. Sendo assim, é importante que esses profissionais ampliem sua visão sobre a surdez e esclareçam as famílias e professores sobre a importância de se ofertar uma educação bilíngue a essas crianças desde a educação infantil, de forma a garantir o uso competente de uma língua, possibilitando o desenvolvimento social, afetivo e cognitivo, evitando assim prejuízos em suas vidas.

## REFERÊNCIAS

- BELLOTTI, A.C. **Implante Coclear: um estudo da escrita na escola**. Araraquara, 2014. 123 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2014.
- BEVILACQUA, M.C.; FORMIGONI, G.M.P. O desenvolvimento das habilidades auditivas. In: \_\_\_\_\_; MORET, A.L.M. (Org.). **Deficiência auditiva: conversando com familiares e profissionais da saúde**. São José dos Campos: Pulso, 2005, p. 179-201.
- BRASIL. Decreto- Lei nº 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dez 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5625.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5625.htm)>. Acesso em: 04 jan.2017.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis?2002?L10.436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis?2002?L10.436.htm)>. Acesso em 04 jan.2017.
- CLAUDIO, D.P.; GUARINELLO, A.C.; SCHELP, P.P. Tramas dialógicas nos discursos sobre os surdos e a surdez. In: ROCHA, L.R.M.; OLIVEIRA, J.P.; REIS, M.R. (Org.). **Surdez, educação bilíngue e libras: perspectivas atuais**. Curitiba: CRV, 2016, p. 29-47.
- COSTA, O.A.; BEVILACQUA, M.C.; AMANTINI, R.C.B. Considerações sobre o implante coclear em crianças. In: BEVILACQUA, M.C.; MORTARI, A.L. (Org.). **Deficiência auditiva: conversando com familiares e profissionais da saúde**. São José dos Campos: Pulso, 2005, p. 123-138.
- COSTA, J.P.; KELMAN, C.A.; GÓES, A.R. S. Inclusão de alunos com implante coclear: a visão de professores. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 28, n. 52, p. 325-338, 2015.
- FORTUNATO, C.; BEVILACQUA, M.; COSTA, M. Análise comparativa da linguagem oral de crianças ouvintes e surdas usuárias de implante coclear. **Rev. CEFAC**, v. 11, n. 4, p. 662-672, 2009.
- GOLDFELD, M. Análise crítica das filosofias educacionais para surdos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio- interacionista**. São Paulo: Plexus Editora, 2001, p. 85-112.
- KELMAN, C.A. Dilemas sobre o implante coclear: implicações linguísticas e pedagógicas. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 33-49, 2010.
- \_\_\_\_\_. et al. Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue. **Linhas Críticas**, Brasília, D.F., v, 17, n. 3, p. 349-365, 2011.
- \_\_\_\_\_. Alunos com implante coclear: desenvolvimento e aprendizagem. **Ensino Em Re- Vista**, v. 22, n. 1, p. 13- 24, 2015.
- MORET, A.L.M. et al. Orientação e aconselhamento familiar na terapia fonoaudiológica de crianças com necessidades especiais. In: GENARO, K.F.; LAMÔNICA, D.A.C.; BEVILACQUA, M.C. (Org). **O processo de comunicação: contribuição para a formação de professores na inclusão de indivíduos com necessidades educacionais especiais**. São José dos Campos: Pulso, 2006, p. 277- 287.
- MOURA, M.C.; LODI, A.C.; HARRISON, K.M.P. História e educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais. In: LOPES FILHO, O.C. (Org). **Tratado de Fonoaudiologia**. 2. ed. São Paulo: Tecmed, v. 1, 2005, p. 341- 364.
- NASCIMENTO, L.C.R.; LIMA, C.C.S. Libras e implante coclear: contradição ou complementariedade? **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3, p. 142-172, 2015.

NEGRELLI, M.E.D.; MARCON, S.S. Família e criança surda. **Ciência, Cuidado e Saúde**. Maringá, v. 5, n. 1, p. 98-107, 2006.

QUADROS, R.M. et al. Mosaico da linguagem das crianças bilíngues bimodais: estudos experimentais. **Rev. bras. Linguitc. Apl**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p.1-24, 2016.

RESSEGUI- COPPI, M. **Desenvolvendo as habilidades auditivas em crianças usuárias de implante coclear: estratégias terapêuticas**. 2008. 183 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo, Bauru, 2008.

SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio- histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). **Educação e exclusão**: abordagem sócio- antropológicas em educação especial. Porto Alegre: mediação, 1997.

STREIECHEN, E.M. et al. Pedagogia surda e bilinguismo: pontos e contrapontos na perspectiva de uma educação inclusiva. **Maringá**, v. 39, n. 1, p. 91-101, 2017.

STUCHI, R. et al. Linguagem oral de crianças com cinco anos de uso de implante coclear. **Pró- Fono R. ATUAL. Cient.**, v. 19, n. 2, p. 167-176, 2007.

SVARTHOLM, K. 35 anos de Educação Bilíngue de Surdos- e então? **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Educação Especial, n. 2, p.35-50, 2014.

\_\_\_\_\_.; MOURA, M.C. O bilinguismo sob o ponto de vista de Kristina Svartholm- Suécia. In: MOURA, M.C.; CAMPOS, S.R.; VERGAMINI, S.A.A. (Org.). **Educação para surdos**: práticas e perspectivas II. São Paulo: Santos, 2011, p. 147-155.

TARTUCI, D. A Educação Bilíngue e o Acesso à Língua Brasileira de Sinais na Educação Infantil. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 44, p. 47-66, 2015.

TENOR, A.C.; DELIBERATO, D. Comunicação da criança surda na perspectiva da família e professores. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 3, n. 2, p. 79-94, 2016.

\_\_\_\_\_. **O aluno surdo com implante coclear: aspectos linguísticos e educacionais** 2017. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso de (Pós Graduação em Libras e Educação Para Surdos) – Centro de Ciências Empresariais e Sociais Aplicadas, Universidade Norte do Paraná, Botucatu, 2017.

VALADAO, M.N. et al. Língua brasileira de sinais e implante coclear: relato de um caso. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 25, n. 42, p. 89-100, 2012.

YAMANAKA, D.A.R. et al. Implante coclear em crianças: a visão dos pais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 3, p. 465-473, 2010.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-030-8



9 788572 470308